



Centro Universitário de Brasília
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, ênfase em Psicologia e Processos
Organizacionais e Sociais
Curso de Psicologia

Glísia Loures de Moura

O primeiro emprego é questão de sorte ou esforço?
Um estudo com jovens

Brasília
Dezembro de 2012

Centro Universitário de Brasília
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, ênfase em Psicologia e Processos
Organizacionais e Sociais
Curso de Psicologia

Glísia Loures de Moura

O primeiro emprego é questão de sorte ou esforço? Um estudo com jovens

Monografia apresentada como requisito
para a conclusão do curso de Psicologia
do Centro Universitário de Brasília
(UniCEUB), Faculdade de Ciências da
Educação e Saúde, ênfase em Psicologia
Social

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Amalia Raquel
Pérez-Nebra

Brasília
Dezembro de 2012

Folha de Avaliação

Glísia Loures de Moura

O primeiro emprego é questão de sorte ou esforço? Um estudo com jovens

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, ênfase em Psicologia Social, julgada como adequada pela comissão examinadora composta por:

Prof^a. Dr^a. Amalia Raquel Pérez-Nebra
Professora-Orientadora

Prof^a. Dr^a. Luciana Campolina
Professora Examinadora

Prof^a. Dr^a. Ana Flávia Madureira
Professora Examinadora

A menção final obtida foi:_____

Brasília – DF, 12 de dezembro de 2012.

Dedico este estudo aos meus pais e aos meus avós paternos e maternos, que tudo fazem para me apoiar, mostrando que as minhas qualidades é que me proporcionarão um lugar ao sol.

Agradecimentos

Quero agradecer em primeiro lugar a Deus, pela força e coragem durante esta caminhada. Agradeço a Ele pela vida e pelo discernimento de que sou capaz. Agradeço também, pelo alcance desta conquista, aos meus pais, aos meus irmãos e ao meu namorado, pela paciência, incentivo, força e principalmente o carinho e confiança que depositaram em mim, por sempre contarem comigo, mesmo quando eu não tenho muito tempo disponível. Agradeço aos professores do UNICEUB, por dividirem comigo os seus conhecimentos, os quais procurarei honrar profissionalmente. Agradeço de forma especial à minha orientadora, Professora Amalia Raquel Pérez-Nebra, por ter acreditado na força do tema escolhido e não ter poupado esforços para que o trabalho fosse concretizado.

Muito obrigada a todos.

“As grandes ideias surgem da
observação dos pequenos detalhes.”

Augusto Cury

Resumo

Este estudo tem por objetivo geral analisar a percepção dos jovens sobre a sua inserção no mercado de trabalho e as barreiras que são por eles percebidas, que podem estar relacionadas ao *locus* de controle, um conceito referente às crenças que os indivíduos estabelecem sobre a fonte de controle dos comportamentos ou acontecimentos habituais que ocorrem consigo, ou no ambiente em que estão inseridos. A presente pesquisa segue a linha da cognição social de *locus* de controle e autoeficácia, com abordagem multimetodológica. Foram três os estudos: um estudo piloto, cujo objetivo foi verificar sua percepção do mercado de trabalho e *locus* de controle. O estudo mostrou que os jovens apresentam controle externo e estão menos satisfeitos, envolvem-se menos com os estudos e percebem pouco controle sobre os resultados de suas atividades, atribuindo a culpa às exigências do mercado de trabalho. Por isso, foi necessária a aplicação de um questionário sobre *locus* de controle para analisar a percepção dos jovens sobre as suas ações. Os estudos 1 e 2 foram feitos com base na aplicação de questionário e entrevistas para verificar como os jovens percebiam o *locus* de controle em relação à inserção no mercado de trabalho. A análise do *locus* de controle apontou que os jovens acreditam que as forças externas controlam os resultados das suas buscas pela inserção no mercado de trabalho e que a sua percepção da autoeficácia é equivocada, visto que a correspondência dizer-fazer é baixa.

Palavras Chave: Jovens; Mercado de Trabalho; *Locus* de Controle; Autoeficácia. Primeiro emprego.

Sumário

Introdução.....	1
Capítulo 1 Referencial Teórico.....	6
<i>Locus</i> de controle e autoeficácia.....	6
Controle percebido e autoeficácia.....	8
Capítulo 2 Estudo Piloto.....	11
Método.....	11
Participantes.....	11
Instrumento.....	11
Procedimentos.....	11
Análise de dados.....	12
Resultados e discussão.....	12
Capítulo 3 Pesquisa de Campo.....	17
Estudo 1.....	17
Método.....	17
Participantes.....	17
Instrumento.....	17
Procedimentos.....	18
Análise de dados.....	18
Resultados.....	19
Discussão.....	20
Estudo 2.....	22
Método.....	22
Participantes.....	22
Instrumento e procedimento.....	22
Análise de dados.....	23
Resultados e discussão.....	24
Considerações Finais.....	36
Referências Bibliográficas.....	38
Apêndices.....	42
A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	42
B – Transcrição do Estudo Piloto.....	44
C – Questionário sobre <i>locus</i> de controle.....	46
D – Roteiro de entrevistas.....	48
E – Transcrição 1.....	50
F – Transcrição 2.....	53

Introdução

O trabalho, prática tipicamente humana, adquiriu um papel central tanto na inserção social de cada indivíduo e na formação de sua identidade, quanto na constituição e na sustentação da sociedade (Carvalho, 2004). Assim, é necessário investigar a composição da população brasileira, no que se refere à faixa etária de 15 a 24 anos, considerada como jovem e que busca uma inserção no mercado de trabalho.

Para Carvalho (2004, p. 3), “definir o que seja jovem ou juventude é um exercício complexo, pois corresponde a construções sociais nem sempre presentes nas sociedades nem manifestadas da mesma forma ao longo da história de uma dada sociedade”. Culturas e tradições localizadas em lugares e tempos específicos constroem ideias diferentes a respeito desse termo.

Uma das concepções de “jovem” mais corrente no Brasil, de acordo com Carvalho (2004, p. 4), é a da Organização das Nações Unidas (ONU), que define jovem como “a pessoa entre 15 e 24 anos, pois seria nesse período de vida que se alcança a maturação biológica, psicológica e social que permite uma completa condição de compartilhar das relações sociais do mundo adulto”.

A população brasileira chegou a 190.732.694 habitantes, em 2010, segundo a apuração do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Desse total, 32.887.488 pessoas estavam na faixa etária entre 15 e 24 anos, ou seja, 17,4% da população era constituída por jovens, levando-se em conta o conceito enunciado (Brasil, 2010).

Segundo os dados do IBGE, 14,7% desses jovens apenas estudam, ou seja, constituem o percentual que a cada ano chega ao mercado de trabalho brasileiro em busca da primeira ocupação. Os demais estudam e trabalham, somente trabalham ou não

estudam e nem trabalham (Brasil, 2010). Assim, a compreensão das diversas condições demográficas da juventude brasileira e critérios que os levam a conseguir a oportunidade do primeiro emprego requerem o entendimento de suas especificidades, por meio de fatores que produzem a própria condição da sociedade brasileira.

Assim, o problema de pesquisa é: Como os jovens percebem a sua inserção no mercado de trabalho? O objetivo deste estudo é analisar a percepção dos jovens sobre a sua inserção no mercado de trabalho e as barreiras que são por eles percebidas.

Na sociedade brasileira, como ocorre nos países emergentes, é comum que grande parte dos jovens busque inserção no mercado de trabalho antes do término da escolaridade formal. Contudo, as transformações da contemporaneidade, que passam pelo mundo do trabalho, deram a essa inserção novas complexidades. O mercado tornou-se mais heterogêneo e fragmentado, apresentando grupos de trabalhadores formais, com direitos amplamente assegurados, e grandes contingentes de trabalhadores informais, sem nenhuma segurança trabalhista (Corrochano, Ferreira, Freitas & Souza, 2008).

Essas transformações, entretanto, não aumentaram os níveis de emprego, atingindo principalmente os jovens, que não conseguem se inserir no mercado de acordo com suas necessidades. A escola ainda não oferece ao jovem uma formação condizente com aquilo que o mercado anuncia ser necessário ou com as expectativas que ele mesmo tem a respeito do seu futuro profissional (Corrochano & col., 2008).

Um percentual muito pequeno de jovens que já estão inseridos no mercado formal de trabalho (em torno de 4%) chega ao ensino superior, pois as mudanças organizacionais não são suficientemente profundas para estimular o aumento da escolarização. Diante disso, o ingresso no mercado de trabalho acontece, segundo

Corrochano (2005), muito mais por indicação de alguém, do que pela análise das qualidades que o jovem possa ter no seu currículo ou por meio de um concurso.

Em relação à inserção dos jovens no mercado de trabalho, eles precisam não só acreditar que podem controlar as suas vidas, mas também que poderão colocar em prática os comportamentos necessários para chegar onde querem, que é ocupar uma vaga de trabalho.

Hipotetiza-se, assim, que os jovens que conseguem agir dessa forma demonstram alto nível de autoeficácia (percepções que os indivíduos têm sobre sua própria capacidade) e aqueles que não conseguem agir em direção aos objetivos desejados possuem baixo nível de autoeficácia (Bandura, 2008). Os jovens precisam buscar a aprendizagem, para que possam se adequar às necessidades do mercado e daquilo que ele exige, em termos de habilidades e de competências, buscando modelos cuja eficácia possam imitar.

Pesquisar sobre a inserção do jovem no mercado de trabalho é relevante em termos sociais e acadêmicos, pois os estudos sobre esse assunto ainda expõem o jovem de forma muito fragmentada. Em muitas ocasiões o seu comportamento é analisado pelo ângulo da violência juvenil ou pelos resultados do sistema educacional, considerado de baixa qualidade pelos pesquisadores (Gimenez, 2007).

As recomendações da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) são de que os jovens desempregados e desfavorecidos socialmente tenham como primeira prática de trabalho as tarefas voltadas ao bem estar social, oferecidas pelo governo, que, além disso, deve tomar medidas para ampliar a formação inicial e a prática de trabalho dos jovens (Gimenez, 2007).

No Brasil, de acordo com Gimenez (2007), as principais políticas públicas voltadas para a inserção do jovem no mercado de trabalho estão no âmbito estadual, sendo que o

governo federal preocupa-se com as políticas de manutenção dos jovens na escola, como o Programa Bolsa Família e os Programas de Renda Mínima, além da abertura de escolas profissionalizantes em todo o país.

O pensamento do jovem sobre a sua inserção no mercado de trabalho ainda não foi, pelo conhecimento desta autora, pesquisado. Diante disso, é importante que as suas percepções sejam conhecidas e analisadas, para que se possa compará-las com o que o mercado oferece ou solicita à população e até para facilitar intervenções na escola sobre este tema.

As condições de se arrumar uma vaga de emprego atualmente, segundo Miquelin (2008), são vistas como um paradoxo, pois de um lado várias empresas sentem muita dificuldade em encontrar profissionais capacitados para comandarem suas atividades. Para encontrá-los gastam recursos com entrevistas e pesquisas curriculares de candidatos às suas vagas. De outro lado, jovens e até profissionais maduros se veem à margem do mercado de trabalho, por não atenderem às qualificações requeridas.

De acordo com Carvalho (2004), as organizações do terceiro setor (iniciativas privadas com finalidade pública) são as que mais oferecem oportunidades de inserção no mercado de trabalho aos jovens, proporcionando-lhes a formação necessária para atuarem de forma remunerada, o que o primeiro e o segundo setor geralmente fazem de forma fragmentada.

Dessa forma, o objetivo deste estudo é analisar a percepção dos jovens sobre a sua inserção no mercado de trabalho e as barreiras que são por eles percebidas, que podem estar relacionadas ao *locus* de controle, um conceito referente às “crenças que os indivíduos estabelecem sobre a fonte de controle dos comportamentos ou acontecimentos habituais que ocorrem consigo, ou no ambiente em que estão inseridos” (Rotter, 1990, citado por Fernandes & Almeida, 2008, p. 216).

Em termos específicos os objetivos do estudo são: descrever as percepções dos jovens que impliquem em iniciativas para conseguirem a inserção no mercado de trabalho; analisar a percepção dos jovens sobre o papel da aprendizagem no alcance do objetivo de conseguir uma vaga no mercado de trabalho; relacionar a autoeficácia e o *locus* de controle no comportamento do jovem diante do mercado de trabalho.

O caminho teórico-metodológico da presente pesquisa segue a linha da cognição social de *locus* de controle e autoeficácia, com abordagem multimetodológica. Foi feito um estudo piloto, com o objetivo de descrever a situação de *locus* de controle para os jovens, como ponto de partida da pesquisa. Em seguida, foram feitos dois estudos com base na aplicação de questionário e entrevistas, para verificar como os jovens percebiam o *locus* de controle em relação à inserção no mercado de trabalho e verificar os resultados encontrados no primeiro estudo.

Capítulo 1: Referencial Teórico

Lócus de controle e autoeficácia

O construto *Lócus de Controle* foi desenvolvido por Rotter na década de 1960 e se baseou em seus estudos sobre a teoria da aprendizagem social, desenvolvidos em 1954. A teoria desenvolvida por Rotter envolve duas importantes tradições de pesquisa em psicologia, que são as teorias de estímulo e resposta ou do behaviorismo e as teorias cognitivas, com base na crença das pessoas de que sua vida é controlada por elas próprias ou pela sociedade (Pasquali, Alves, & Pereira, 1998).

Para O'Brien (1984, citado por Pasquali, Alves, & Pereira, 1998, p. 2) *Lócus de Controle* é “a expectativa do indivíduo sobre a medida em que os seus reforçamentos se encontram sob controle interno (esforço pessoal, competências) ou externo (as outras pessoas, sorte e chance)”. Em Noriega, Albuquerque, Alvarez, Oliveira e Coronado (2003, p. 212), Rotter assim define controle Interno e Externo:

“Quando se percebe um reforço como não contingente a alguma ação, mas como questão de sorte, destino, controle dos outros, de poderosos ou como não previsível pelas forças que o rodeiam, interpreta-se como crença de controle externo; pelo contrário, se o sujeito percebe o reforço como contingente à sua conduta ou às suas características relativamente permanentes, denomina-se crença de controle interno”.

Dela Coleta (1987) relaciona o *Lócus de Controle* como uma variável que busca explicar uma característica relativa à percepção das pessoas sobre a fonte de controle dos acontecimentos em que são envolvidas. Assim, um indivíduo pode se perceber como controlador desses acontecimentos ou como sendo controlado por fatores externos a ele, que poderiam ser outras pessoas, entidades ou mesmo o destino, o acaso e a sorte.

Para Dela Coleta (1987) é importante distinguir *Locus* de Controle de atribuição de causalidade. O primeiro refere-se a uma característica mais ou menos estável da pessoa, uma tendência a explicar as ocorrências de forma externa ou interna; a segunda responde pelo processo por meio do qual são encontradas explicações causais para a ocorrência dos diversos eventos que envolvem o sujeito e os outros e não pode ser confundida com uma variável do indivíduo. Contudo, uma variável está ligada à outra, alguém, por exemplo, que tem um *locus* interno tende a explicar mais de forma interna os eventos.

De acordo com Noriega e cols. (2003, p. 212), controle é a “habilidade percebida para alterar significativamente os eventos. Isso significa que não é necessário que as pessoas exerçam realmente controle sobre os eventos relevantes, mas que percebam esse controle. A percepção de controle é o principal determinante da resposta do sujeito”.

Os que acreditam controlar o ambiente tendem a desenvolver afetos positivos e melhoram o seu desempenho em todas as atividades a que se dedicam. Aqueles que acreditam não controlar o ambiente tendem a desenvolver afetos negativos e rendem menos, sentindo-se culpados e ansiosos. Por outro lado, a atribuição de causalidade refere-se à maneira como as pessoas inferem sobre as causas do comportamento de outras pessoas, o que as pessoas são realmente e o que as motiva a agir de uma determinada forma. Existem atribuições internas, relacionadas à motivação interna dos comportamentos, e atribuições externas, que se referem aos comportamentos originados de causas exteriores ao indivíduo (Aronson, Wilson, & Akert, 2007).

Assim, *locus* de Controle é um conceito dinâmico, que explica e descreve as crenças estáveis, a partir das quais o indivíduo estabelece e percebe a fonte de controle dos eventos e do seu próprio comportamento (Abbad & Meneses, 2004).

Controle percebido e autoeficácia

De acordo com Fernandes e Almeida (2008) o controle percebido coloca o indivíduo simultaneamente como agente-ator e agente passivo aos efeitos causados pela sua percepção em relação ao controle de desempenhos, competências e habilidades. Três áreas são afetadas pelo controle percebido: o comportamento, as capacidades cognitivas e as expressões afetivas. Na mesma direção, estudos relacionam o senso de autoeficácia à aprendizagem e à motivação necessária para obtenção de sucesso na aprendizagem. As dificuldades de aprendizagem aparecem associadas ao baixo senso de autoeficácia, baixa motivação, inaptidão para realização de tarefas, incapacidade de organização e comportamento desadaptativo.

A percepção que os sujeitos têm do controle que podem exercer sobre o ambiente depende de como processam as informações a respeito dele. A interpretação dessas informações mediatiza a realidade desejada e a factual e é influenciada por crenças, percepções, atribuições, expectativas e motivação (Fernandes & Almeida, 2008).

Nesse aspecto, os sujeitos precisam perceber que dominam e controlam o ambiente, colocando em prática ações específicas que possam produzir os resultados desejados, em conformidade com Ribeiro (2000). Esse domínio e controle sobre o ambiente é denominado por Bandura (2008, p. 101) de autoeficácia, conceituada como “julgamentos das pessoas em suas capacidades para organizar e executar cursos de ação necessários para alcançar certos tipos de desempenho.”

As crenças de autoeficácia, para Bandura (2008), são essencialmente percepções que os indivíduos têm sobre sua própria capacidade, e essas crenças de competências pessoais proporcionam a base para a motivação humana, o bem estar e as realizações pessoais. E quando acreditam que não possam conseguir alcançar os resultados que desejam, as pessoas terão pouco incentivo para agirem frente às dificuldades.

É importante observar que as crenças de autoeficácia são determinantes de como conhecimentos e habilidades são inicialmente adquiridos pois, segundo Bandura (2008), a autoeficácia é um determinante crítico de como os indivíduos regulam os seus pensamentos e comportamentos e os sucessos ou fracassos que os indivíduos encontram à medida que executam as tarefas que fazem parte da sua vida influenciam as decisões que devem tomar.

Os indivíduos formam as suas crenças de autoeficácia interpretando informações. À medida que as pessoas realizam atividades e tarefas elas interpretam os resultados de seus atos e usam as informações para desenvolverem crenças sobre suas capacidades de participar de tarefas e atividades subsequentes e agem de acordo com as crenças criadas (Bandura, 2008).

Para Bandura (2008) os resultados interpretados como bem sucedidos aumentam a autoeficácia e resultados interpretados como fracassos a reduzem. As pessoas com um sentido baixo de autoeficácia muitas vezes fazem pouco caso de seu sucesso, em vez de mudarem suas crenças.

Aqueles que atribuem o seu sucesso ou fracasso às situações que envolvem causalidade não têm controle sobre o ambiente que os rodeiam, sendo esse *locus* de natureza externa. Os que buscam causas internas para as ocorrências da vida rejeitam a causalidade, buscando compreender, a partir de suas próprias experiências, porque foram bem sucedidos ou fracassaram. Esse *locus* de controle é de natureza interna.

De acordo com Robbins (2004), no setor do comportamento organizacional as habilidades humanas são fundamentais para a eficácia da administração e essas habilidades referem-se ao *locus* de controle interno, adquiridas por meio da aprendizagem, que exige esforço pessoal e dedicação.

Conforme Anderson, Krull e Weiner (1996), ao atribuírem a fatores externos suas possibilidades no mercado de trabalho os jovens constroem explicações diante de eventos que ainda não se sentem capazes de controlar. Colocando as explicações para as suas dificuldades em ingressar no mercado de trabalho no campo da sorte ou do azar e na ação de outros poderosos os jovens se eximem de enfrentar suas limitações quanto à autoeficácia e ao autocontrole.

As revisões de literatura sobre *locus* de controle, para o presente estudo foram encontradas nos estudos de Abbad e Menezes (2004), referentes ao artigo *Locus de controle: validação de uma escala em situação de treinamento* e no estudo de Dela Coleta (1987) referente ao artigo *Escala multidimensional de locus de controle de Levenson*.

Abbad e Menezes (2004), ao analisarem os estudos de Pasquali, Alves, e Pereira (1998) e de Bastos (1991), afirmam que a baixa internalidade é uma causa que parece afetar diretamente a busca por realizações de melhor qualidade de vida, de envolvimento em projetos pessoais e da busca por soluções fáceis.

Dela Coleta (1987) desenvolveu um estudo sobre rendimento acadêmico, com aplicação de questionário sobre tarefas de realização máxima e encontrou resultados indicando que a pouca motivação da população em geral, os baixos sentimentos de autoestima, a pouca internalidade no *locus* de controle são fatores que interferem diretamente na habilidade de aprender, sendo que ela é essencial para que o indivíduo assuma o controle de sua vida e do meio ambiente que o rodeia.

Diante dessas considerações é que o presente estudo busca analisar a percepção dos jovens sobre a sua inserção no mercado de trabalho, relacionando o *locus* de controle interno à busca da aprendizagem, importante fator para que possam enfrentar as possíveis barreiras impostas pelo mercado de trabalho.

Capítulo 2: Estudo Piloto

Método

Este estudo apresenta uma pesquisa qualitativa usando como recurso metodológico a entrevista individual semi estruturada. Sua fundamentação é o estudo desenvolvido por Abbad e Menezes (2004), com o objetivo de verificar a situação do *locus* de controle para os jovens, como ponto de partida para se definir os estudos subsequentes.

Participantes

Na primeira parte da pesquisa de campo foi realizado um estudo, onde participaram 10 jovens escolhidos por conveniência, entre 16 e 24 anos, residentes no Distrito Federal. O critério de escolha dos participantes foi o de que já tivessem tentado uma inserção no mercado de trabalho e tivessem sido recusados.

Instrumentos

Os instrumentos utilizados na pesquisa foram: papel, lápis e canetas, a entrevista individual semi estruturada e um gravador, para registro em áudio das entrevistas.

Procedimentos

Foram realizadas entrevistas individuais abertas, onde no ato das entrevistas cada participante recebeu um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e no caso

dos menores, solicitou-se a autorização dos pais. As entrevistas foram realizadas em lugares previamente selecionados pela pesquisadora. A entrevista foi composta por apenas uma pergunta onde, durante a conversa, a pesquisadora acrescentou outros dados para serem respondidos.

A pergunta foi: Quais são as principais barreiras que impedem os jovens de começarem a trabalhar? Os participantes responderam conforme seu ponto de vista a respeito de suas tentativas e oportunidades no mercado de trabalho.

Análise de Dados

As entrevistas foram analisadas de acordo com as respostas da pergunta principal e divididas em duas categorias: *locus* de controle externo e *locus* de controle interno, conforme análise de conteúdo temática (Bardin, 2010).

Resultados e Discussão

Tabela 1

Percepção sobre o locus de controle

<i>Locus de controle interno</i>	<i>Locus de controle externo</i>
E 1	Esperar completar 18 anos para poder começar a trabalhar
	Precisa completar o ensino médio para assumir a uma vaga de emprego
	O mercado exige muitas habilidades que os jovens não têm
E 2	O mercado está cada vez mais competitivo
	Só consegue emprego quem tem nível superior completo
E 3	Não tem condições financeiras de arcar com cursos extras
	Dificuldades de arrumar emprego por conta do local onde mora

		As entrevistas estão muito exigentes
E 4		O que deveria avaliar são aspectos práticos para saber se as pessoas são capazes de passar nos testes e conseguirem a vaga
		Exigência de experiências
E 5		Falta de oportunidade sem experiências
		Qualificação
E 6	Comodismo	Falta de Experiência exigida pelo mercado de trabalho
	Opção de concluir os estudos primeiro	
E 7	Falta de interesse de buscar os conhecimentos para entrar no mercado de trabalho	Falta de oportunidade
		Exigência de competências
		Mercado competitivo que pede mais conhecimentos
E 8		Barreira é o pai que só deixa trabalhar depois que terminar a faculdade, pois agora deve só dedicar aos estudos.
	Os jovens devem começar mudando essa situação procurando capacitações da melhor forma mais acessível para concorrer com todos.	Falta de capacitação causada pela má educação de base.
E 9	Para que isso mude não se deve esperar pelo fácil, mas ir atrás do que for necessário para conseguir o que se pretende;	
	Deixar o currículo em vários lugares e não desistir porque teve outras oportunidades negadas.	
E 10		

Compreende-se aqui que os jovens estão justificando as barreiras que os impedem de conseguir uma oportunidade de trabalho ao *locus* de controle externo: o mercado de trabalho é que não abre as portas para que eles alcancem uma vaga. Como mencionado por Ribeiro (2000), o *locus* de controle externo é quando se percebe a falta de controle pessoal sobre determinada situação e quando o resultado não depende do próprio comportamento.

Um aspecto associado com o *locus* de controle externo importante e que não se deve excluir, segundo Noriega e cols. (2003, p. 212), é o processo de incapacidade aprendida, “que se dá quando o sujeito identifica sua ausência de controle sobre certas situações cotidianas e atribui o controle a forças externas”. Supõe-se que a maior

percepção da falta de controle causa maior atribuição externa e, conseqüentemente, maior desmotivação.

Do mesmo modo, essa teoria postula que a expectativa de que a conseqüência do comportamento não possa ser controlada diminui a motivação do sujeito para realizar a atividade. Isso interfere na aprendizagem da conduta que poderá controlar a conseqüência, pois o sujeito não acredita que será capaz de fazê-lo.

Quando os jovens atribuem ao *locus* de controle externo, ou seja, ao mercado de trabalho, as barreiras que os impede de conseguirem oportunidades, é que, segundo eles, sempre existem dificuldades e não conseguem a vaga e posteriormente ficam desmotivados. Para os jovens, o mercado exige muita experiência e está cada vez mais competitivo. Ao se depararem com essas frustrações, quando lhes são negadas as vagas de trabalho, na primeira tentativa sentem-se desmotivados e não buscam adquirir conhecimentos para conseguirem tal oportunidade, porque acreditam que as forças externas estão controlando os resultados de suas buscas.

Para Noriega e cols. (2003), os sujeitos controlados externamente têm mais problemas para criar relações adequadas, uma vez que não acreditam que a comunicação interpessoal tenha um papel importante nas relações com os outros. Além disso, veem a sorte, a oportunidade, o destino, a fatalidade e o poder de outros como determinantes de seus resultados e não buscam algo para que a situação possa melhorar.

Ao contrário do controle externo, que aparece em nove das 10 entrevistas, quatro dos jovens entrevistados apresentam a necessidade de que algo precisa ser feito para que a causalidade externa não “tome conta da situação”. Quando dizem que precisam buscar novos conhecimentos, entregar os currículos em vários lugares e não desistir quando lhes for negada a vaga, associam as barreiras ao *locus* de controle interno.

Rotter (1966, citado por Noriega & cols, 2003) relata que os indivíduos com controle interno estão mais dependentes da informação relacionada com sua conduta futura; objetivam aumentar suas condições ambientais; atendem mais às habilidades e destrezas de êxito; estão mais preocupados com seus fracassos ou erros; resistem mais às manipulações exteriores e têm aprendizagem mais intencional, alto grau de funcionamento acadêmico e atividades mais positivas de êxito.

Para Rotter (1966, citado por Noriega & cols, 2003), indivíduos com *locus* de controle interno estão mais atentos diante dos aspectos de seu ambiente, que lhes proporciona informação relevante para sua conduta futura e empreendem mais esforços para melhorar sua situação. A internalidade está associada com maiores índices de adaptação, satisfação e envolvimento nas atividades, diversamente do que ocorre com a externalidade. Além disso, os indivíduos “internos” têm mais motivação para o êxito do que os “externos”.

Ribeiro (2000) diz que os indivíduos com *locus* de controle interno tendem a desenvolver mais esforços de realização, a estarem mais atentos aos aspectos do meio ambiente que fornecem informações úteis para o seu futuro, atribuem maior valor às competências ou reforços de realização e mostram-se mais resistentes às tentativas sutis para influenciá-los, do que os externos.

Os jovens precisam ter percepção de domínio e controle sobre o ambiente, no que diz respeito às tentativas de busca pelas vagas de emprego. E para isso é necessário que busquem aumentar sua autoeficácia. Tais crenças podem afetar o desempenho das atividades escolhidas pelo indivíduo, o estabelecimento de metas e a perseverança perante as dificuldades que ele mesmo encontra durante sua execução.

A autoeficácia pode ser estimulada nos indivíduos, por meio do aumento da crença de que são capazes de conseguirem aquilo que desejam. Para isso, os indivíduos

precisam aprender a organizar, orientar e implementar as suas ações. Precisam valorizar as atividades que realizam, observando que os resultados dependem do seu próprio esforço, colocando em prática estratégias das quais tenham suficientes conhecimentos e ainda valorizarem seus atributos pessoais (Ribeiro, 2000).

Ao se verificar os resultados deste estudo, percebeu-se que os jovens que apresentam controle externo estão menos satisfeitos, envolvem-se menos com seus estudos e se percebem com pouco controle sobre os resultados de suas atividades importantes, colocando a culpa nas exigências do mercado de trabalho, para justificarem o fato de ainda não terem ingressado nele. Diante disso, observou-se a necessidade de aplicar um questionário sobre *lôcus* de controle, para descrever a percepção dos jovens sobre suas ações.

Capítulo 3: Pesquisa de Campo

Estudo 1

Método

Pesquisa transversal, quantitativa e correlacional, com a aplicação de questionário. O objetivo da aplicação do questionário foi verificar como os jovens percebiam o *lócus* de controle, diante das situações relacionadas à inserção no mercado de trabalho.

Participantes

Participaram do estudo 197 alunos de uma instituição pública de ensino do Distrito Federal, entre 16 a 24 anos, cursando as três séries do Ensino Médio, dos turnos Matutino e Vespertino. A escolha dessas séries se deve ao fato dos seus alunos estarem na faixa etária conceituada como jovem e estarem iniciando a busca por uma vaga de trabalho.

Instrumento

O instrumento de pesquisa continha duas seções, além de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A primeira, de dados pessoais, contendo a idade, sexo e média na escola. A segunda foi um instrumento adaptado para este estudo, de Tamayo (1988), com três fatores. A adaptação ocorreu no questionário de Dela Coleta (1987), de onde foram retirados três itens que não se aplicavam a este estudo.

Foram acrescentados dois itens, ao final, baseados no estudo de Abbad e Menezes (2004) sobre *locus* de controle, visto que se vinculavam aos objetivos da presente pesquisa.

A análise do questionário foi realizada de acordo com o estudo de Tamayo (1988), destacando-se os fatores internalidade, azar e outros poderosos. O estudo desse autor validou a Escala de Levenson, que é a base dos estudos feitos por Dela Coleta (1987).

Procedimento

Foi aplicado o questionário com escala multidimensional de *locus* de controle, para 197 estudantes das três séries do Ensino Médio, da instituição escolar escolhida para sediar o estudo. A aplicação foi feita no próprio ambiente escolar, em momento único, após lerem e assinarem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A abordagem dos estudantes foi feita durante as aulas, com a aquiescência da direção e dos professores, no período de uma semana, no mês de julho de 2012. O tempo estipulado para o preenchimento do questionário foi de 10 minutos.

Análise de dados

A análise foi descritiva entre os três fatores (internalidade, outros poderosos e azar) e correlacional entre os dois itens acrescentados no instrumento de pesquisa, contando também com a média das notas dos alunos.

Resultados

Nota-se que os resultados apresentados na Tabela 2, com relação aos dois últimos itens acrescentados ao questionário (azar e outros poderosos), encontram-se abaixo do ponto médio da escala, enquanto o item internalidade situa-se acima do ponto médio da escala, que é 3. Os desvios padrão foram pequenos.

Tabela 2

Análise descritiva do instrumento de pesquisa

Fatores	Média	Desvio Padrão
Azar	2,63	0,74
Outros Poderosos	2,34	0,82
Internalidade	4,00	0,53

A tabela a seguir apresenta a análise dos índices de correlação dos dois últimos itens acrescentados ao questionário, que são “Para conseguir um bom emprego depende principalmente de pessoas superiores a mim” e “O surgimento de novas oportunidades na vida depende de mim”. Apresenta também a análise dos índices de correlação com a média na escola.

No presente estudo foi utilizado o coeficiente r de Spermann (Tabela 3), considerando-se que a relação entre os pares de dados não é linear (Pontes, 2010). Quanto maior a média na escola, menos o jovem acredita em azar e outros poderosos. Mas também não acredita em si. Não apresenta internalidade.

Tabela 3

Análise dos índices de correlação

		Para conseguir um bom emprego	Novas oportunidades	Média na escola
Azar	Coeficiente de correlação	,25**	-,08	-,20**
	Sig (2-cauda)	,00	,27	,00
Outros poderosos	Coeficiente de correlação	,17*	,02	-,15*
	Sig (2-cauda)	,01	,69	,03
Internalidade	Coeficiente de correlação	,08	-,01	,10
	Sig (2- cauda)	,25	,88	,16
Para conseguir um bom emprego	Coeficiente de correlação	1,0	-,20**	-,06
	Sig (2-cauda)	.	,00	,38
Novas oportunidades	Coeficiente de correlação	-,20**	1,0	-,02
	Sig (2-cauda)	,00	.	,71

** . A correlação é significativa para o nível 0.01 (2-cauda).

* . A correlação é significativa para o nível 0.05 (2-cauda).

Discussão

Nos itens relacionados ao *locus* de controle a média mais alta obtida relaciona-se à internalidade (4,00) (Tabela 2), ou seja, revelou que os jovens apresentaram seus próprios esforços como diretrizes para conseguirem o seu objetivo de conseguir vaga no mercado de trabalho e consideraram que o azar e a influência de outros poderosos eram medianamente importantes.

Esses resultados, contudo, mostraram discrepância em relação à Tabela 3, sugerindo que a internalidade foi colocada pelos jovens mais como discurso do que realidade, ou seja, “desejabilidade social”: a tentativa de oferecer respostas positivas a itens socialmente aceitáveis (Gouveia & cols., 2009). Essa contradição motivou uma segunda pesquisa, como forma de se conhecer o que os jovens pesquisados estavam efetivamente fazendo para atingirem os seus objetivos.

Os índices de correlação com o item “Para conseguir um bom emprego depende principalmente de pessoas superiores a mim”, com os demais fatores do estudo podem ser considerados fracos. Ainda que essa correlação seja fraca é importante perceber que o item acrescentado ao estudo permitiu perceber o quanto os participantes valorizam a influência do *locus* externo de controle (o azar e outros poderosos), no momento de conseguirem uma vaga no mercado de trabalho.

As correlações com o item “O surgimento de novas oportunidades na vida depende de mim”, com os demais fatores do estudo, apresentam-se como fracas, aparentando também discrepâncias com os resultados da Tabela 2, onde o *locus* de controle está relacionado à internalidade. Esse resultado também serviu como motivação para a segunda entrevista realizada, para compreensão dos resultados que apareceram.

Estudo 2

Método

O objetivo do Estudo 2 foi verificar e compreender os resultados apresentados no Estudo 1, por meio da realização de uma nova entrevista, constituindo uma pesquisa qualitativa e descritiva, em forma de entrevista individual semi-estruturada.

Participantes

Foram entrevistados três jovens do sexo masculino e três do sexo feminino. Os seis jovens eram alunos do 3º ano do Ensino Médio, preparando-se para o vestibular ou para a busca do primeiro emprego.

Instrumento e Procedimento

O processo utilizado para esse momento do estudo foi a entrevista semi-estruturada em duplas. Na primeira entrevista foram feitas cinco perguntas e na segunda entrevista foram feitas seis perguntas, com registro em áudio e consentimento dos participantes.

O roteiro dessa nova entrevista abrangeu um instrumento com seis perguntas, de forma que os jovens analisassem a correspondência entre o dizer-fazer, o que era discurso e desejabilidade social e o que realmente estavam fazendo para se prepararem de forma eficiente e eficaz para o primeiro emprego.

Os jovens foram escolhidos por conveniência, dentro do grupo de 197 participantes do Estudo 1. Foi solicitado que saíssem da sala de aula, com a concordância da direção

e dos professores, a fim de responderem a um conjunto de perguntas previamente elaborado, com cinco perguntas, mas que sofreu acréscimos durante a conversa. A entrevista foi realizada em duplas, em uma sala de aula vazia, disponibilizada pela direção da escola.

A entrevista ocorreu em duas fases. Inicialmente, foram mostradas aos jovens as tabelas que evidenciam a discrepância nos resultados, sendo solicitado que nos ajudassem a entender o resultado e como eles o percebiam. De acordo com as respostas é que apareceu a desejabilidade social. Retornou-se ao campo com uma nova entrevista, de forma a que os jovens passassem por um questionamento reflexivo de distorção do relato, realizada nos mesmos moldes da entrevista anterior e com os mesmos jovens.

Assim, chegou-se ao conjunto final das respostas à entrevista, que, então, foram analisadas previamente, com a escolha das respostas a serem analisadas. Conforme Bardin (2010) esse é o momento em que o pesquisador formula suas hipóteses, estabelece seus objetivos e escolhe os indicadores que possam fundamentar a interpretação final do seu estudo.

Análise de Dados

O conteúdo das entrevistas foi distribuído em três categorias de análise, a saber: o choque de realidade, que foi a partir do questionamento reflexivo de distorção do relato; sobre a autoeficácia, mostrando o discurso e a realidade; tipo de *locus* de controle apresentado pelos jovens, se interno ou externo; e o que o jovem procura aprender para facilitar seu ingresso no mercado de trabalho. As falas relevantes para essas categorias são apresentadas a seguir, nas Tabelas 4, 5 e 6.

Resultados e Discussão

Na Tabela 4 foram incluídas as falas dos sujeitos que explicitavam a desejabilidade social, contrapondo-se ao que estavam fazendo, em outras palavras, para que o discurso proferido na primeira entrevista se tornasse realidade.

Tabela 4

O questionamento reflexivo de distorção do relato sobre a autoeficácia

	<i>O discurso</i>	<i>A realidade</i>
R 1	[...] não basta apenas ter o estudo, tem que se esforçar para conseguir o que deseja.	[...] eu tento me esforçar, estudando e concluir o ensino médio bem, mas não me dedico tanto como deveria. Eu também faço o CILB-inglês, concluí um curso técnico de raciocínio lógico e fiz pré-PAS, é isso, não é todo dia que a gente senta para estudar e aperfeiçoar o conhecimento. Eu faço os trabalhos quando os professores me passam e estudo para as provas. Mas às vezes tento estudar pelo menos uma hora, umas duas vezes na semana.
R 2	Para conseguir um bom emprego depende principalmente é da gente [...] depende de mim mesmo. Se eu não tiver alguém conhecido que possa me ajudar depende do que eu possa ir atrás.	O que eu já fiz e estou hoje fazendo é o CILB-inglês, já fiz um curso de informática básica e atualmente estou fazendo cursinho pré-vestibular à noite. Quero passar na UNB. Então faço curso preparatório desde o 1º ano. E o básico também faço, inglês e informática já é um diferencial né?
R 3	Para alcançar o emprego depende do esforço e dedicação do estudo, depende também do campo de atuação que irá escolher, por que se eu não me dedicar bem aos meus estudos não conseguirei ter uma boa formação, e saindo do meu ensino médio com uma bagagem de conhecimentos, posso conseguir uma boa oportunidade de emprego, pois já terei um conhecimento mínimo de informações para darem um ponto de partida no que vou conseguir.	Eu me dedico em partes, mas assim eu me organizo, sabe, para não desperdiçar meu tempo. Eu quero fazer faculdade de sociologia, mas na vida a gente tem que ter o plano B, se não conseguir sociologia, vou estudar para concurso público. E tenho a área da música também, que quero me dedicar. E da automobilística, eu tenho experiência, então assim eu já estou fazendo algo concreto nesse sentido, porque trabalhei em oficinas e caso não dê para fazer a faculdade agora eu já pretendo sair do ensino médio e procurar emprego nessa área, pois já consigo entender a área, né.
R 4	Eu tenho que ser bom e mostrar para o outro lá de fora que tenho capacidade, eu estou correndo atrás de cursos técnicos para aperfeiçoar a minha experiência, depende do outro no sentido de aceitar o que tenho para demonstrar.	Agora eu não faço muita coisa eu sei, a gente perde tempo mesmo, principalmente no computador, por que eu entro na <i>net</i> para fazer trabalho, e não faço porque desperdiço em outras coisas, e estou um pouco acomodada no sentido de procurar melhorar meu português, porque tudo exige redação, então pequenos detalhes, né? Precisamos aprender a aproveitar o tempo e não estamos praticando. Esforçar mais, eu com o curso que quero fazer, sei que me esforço pouco, comparando com quem

R 5	Depende de mim conseguir oportunidades novas na vida. Agora, conseguir um bom emprego depende dos meios que vou alcançando né, como a qualificação, depende da qualidade e nível que aumento meus conhecimentos, que me são dados aqui na escola.	estuda mesmo o dia e a noite toda. Eu procuro organizar meu tempo. Mas me deixo a desejar com o conhecimento da escola, não procura me habituar a estudar mais. Precisamos buscar mais a informação, aí...
R 6	[...] Mas me posicionando melhor, a minha qualificação é mais valiosa do que a indicação de alguém, porque eu acredito que eu estudando, conseguindo uma boa faculdade, passando num vestibular bom, conta mais.	Meu foco hoje é passar na UNB, então faço curso preparatório para vestibular desde o primeiro ano, e aula de reforço fiz no ensino fundamental. O que eu busco para me qualificar é passar na universidade federal, para mim é essencial passar na UNB. Eu estudo na escola, faço o cursinho três vezes na semana e aos sábados, e fora isso faço inglês, estudo bastante corro atrás, cursinho pré-PAS, o pré-vestibular. Conheci uma bolsa, que quem tira nota boa na prova dá desconto para os pais pagarem.

Na Tabela 5 foram incluídas as falas dos sujeitos que explicitavam o tipo de *lócus* de controle apresentado, dividindo-os em interno ou externo.

Tabela 5

Tipos de lócus de controle apresentados pelos jovens

	<i>Lócus de controle interno</i>	<i>Lócus de controle externo</i>
R 1		O acesso à internet é o que dispersa nossa dedicação aos estudos. E acaba que nos deixamos influenciar por este prazer. É mais prazeroso fazer isso do que estudar, né.
R 2		[...] internet, jogos, computador, televisão. É legal e prazeroso, mas tenho consciência que atrapalha. [...] A condição financeira, também impede [...] até mesmo a família atrapalha um pouco, sabia, por que eu falo que quero fazer uma coisa aí eles vêm e dizem que isso não é bom, que tenho que fazer mais coisas, aí não faço por causa deles.
R 3	Eu estou estudando prá caramba, estou me dedicando ao máximo e vejo isso para a melhoria do meu futuro.	[...] computador, TV, influência de amigos, no meu caso tenho o violão, às vezes eu estudando eu me distraio e para relaxar um pouco aí eu começo a tocar um pouco.
R 4	Realmente eu me esforço muito, mas não consigo estudar mais que duas horas.	O que me impede são as obrigações que tenho em casa, minha mãe não aguenta fazer o serviço dentro de casa, ela está doente, eu sou filha mais velha, tenho que fazer as tarefas de casa todo dia e acompanhar ela ao médico. [...] além das obrigações de casa eu tenho três vezes na semana espanhol, tenho academia [...] a gente sabe que não aproveita 100% do nosso tempo, tem outros prazeres.
R 5	Posso dizer que faço o que me interessa,	

	né, então o que quero fazer nada me impede de fazer, não me acomodo.	
R 6		Ai, nossa, tem coisas que agente acaba indo por pressão. Eu não sou muito de sair, mas meus amigos ficam “nossa, pára um pouco, vamos sair prá festas, conhecer meninas novas, vai arrumar uma namorada, vai se divertir”, ai acabo sendo pressionado por eles. Tem também coisas da casa que acaba atrapalhando quando a gente fica de bobeira, assisto muito televisão, tem as redes sociais, que hoje influenciam muito as horas das pessoas.

Na Tabela 6 foram incluídas as falas dos sujeitos que evidenciassem entre a aprendizagem que estavam realizando e o que seria necessário para ingressarem no mercado de trabalho.

Tabela 6

O que o jovem busca aprender para facilitar seu ingresso no mercado de trabalho

R 1	Faço CILB-inglês, concluí um curso técnico de raciocínio lógico, e fiz pré-PAS, estudo 1h, às vezes. Tenho média 5,5 na escola.
R 2	Estou fazendo é o CILB – inglês, já fiz um curso de informática básica e atualmente estou fazendo cursinho pré-vestibular. Estudo 3h, dois dias na semana. Tenho média 7 na escola.
R 3	Tenho experiência na área da música e automobilística, estudo 4h na semana e tenho média 6 na escola.
R 4	Faço CILB Espanhol, já fiz informática. Conteúdos básicos, mas necessários para a gente conseguir alcançar um bom emprego. Estudo 2h por dia,tenho média 6 na escola.
R 5	Eu dedico meu tempo livre fora da escola exclusivo para um curso técnico de informática [...] É a área que vou seguir, então desse curso técnico já vou para um avançado. Eu faço também o CILB-inglês, coisas básicas para meu currículo já tenho [...] não tenho o hábito de ficar estudando fora da escola, estudando, estudando para escola não, mas sei que faz a diferença também, né, sair daqui com meu boletim de notas altas. Tenho média 5 na escola e terminando o ensino médio vou fazer sistemas de informação.
R 6	Faço curso preparatório para vestibular desde o primeiro ano, faço o cursinho três vezes na semana e aos sábados, e fora isso faço inglês. Tenho média 6 na escola e não tenho tempo determinado para estudar, estudo o quanto consigo.

Os jovens apresentaram como discurso (Tabela 4) uma pretensa dedicação aos estudos, como forma de se prepararem para as exigências do mercado de trabalho. Apontaram ações que estão desenvolvendo, como frequentar cursos de idiomas ou cursos técnicos. Dessa forma, discursam que será a qualificação que os levará a conseguirem um bom emprego e terem sucesso. Conforme a definição de Gouveia e cols. (2009) para a desejabilidade social, esses jovens emitiram respostas que os

fizessem parecer esforçados e estudiosos, comportamentos socialmente aceitáveis. Contudo, a realidade que apresentaram na segunda entrevista foi um pouco diferente (Tabela 4). Ainda que frequentem cursos de idiomas, cursos técnicos ou o pré-vestibular, o tempo que os jovens dedicam aos estudos é pequeno, fazendo com que suas notas na escola estejam abaixo da média considerada aceitável para alunos realmente esforçados.

Muitos jovens não consideram a escola como uma etapa a ser cumprida para o ingresso no mercado de trabalho, acreditando que ela não o forma para o exercício de uma profissão e que precisará de outros poderosos para conseguir a vaga que deseja ocupar. O jovem também carece de visão a longo prazo, acreditando que ao terminar a faculdade conseguirá um emprego imediatamente e que não precisará investir na formação continuada, como a pós-graduação, o mestrado e até mesmo um curso técnico (Miquelin, 2008).

Os jovens se recusam a reconhecer sua baixa autoeficácia, atribuindo as causas do seu baixo rendimento aos fatores externos, como a influência da mídia, da opinião dos pais, dos cursos extraclasse que fazem, como se esses fatores fossem incontornáveis em suas vidas. No entanto, dedicam-se apenas ao que é comum, sendo que nenhum deles procurou aprender formas de aproveitar melhor o tempo, como um curso de memorização e aperfeiçoamento da escrita ou qualquer estratégia de resolução de problema.

Os jovens acreditam que apenas com conhecimentos básicos de inglês e informática podem conseguir boas oportunidades de trabalho. Porém, esse conhecimento básico não abre caminhos para um bom emprego, de acordo com a perspectiva do mercado de trabalho. Quando os jovens se acomodam com conhecimentos básicos ficam atrasados com a sua qualificação, na medida em que esperaram a maioria e a conclusão de

uma graduação universitária para efetivamente se adequarem aos cargos oferecidos (Miquelin, 2008).

A falta de esforço para a aprendizagem se reflete nos índices de suas notas na escola, que são abaixo da média, não lhes causando, no entanto, maiores preocupações, pois acreditam que no momento em que efetivamente desejarem ingressar no mercado de trabalho o pouco esforço que fizeram será reconhecido por alguém. Acreditam que são merecedores de toda a complacência dos outros e quando não a têm revoltam-se, considerando que foram injustiçados. É preciso que os jovens se policiem de melhor forma a sua capacidade intelectual, para que possam vir a servir ao mercado de trabalho, quando desejarem efetivamente o primeiro emprego (Miquelin, 2008).

Segundo Miquelin (2008), durante a juventude o jovem que aparenta não ter outras preocupações mais relevantes do que o ensino dispõe de mais tempo para se concentrar e aprender de maneira mais fácil o conteúdo educacional. O jovem que concilia seu aprendizado com outras ocupações que geram o conhecimento e aperfeiçoam sua qualificação enquanto jovem pode chegar à fase adulta carregando consigo a facilidade para enfrentar o vestibular e outros desafios que o mercado impõe. Contudo, eles poderão estar aptos a atenderem as necessidades profissionais das empresas, onde elas exigem cada vez mais habilidades específicas.

Os jovens apresentaram observações sobre o seu comportamento na segunda entrevista, contudo, não demonstram saber bem como se sentem em relação aos estudos ou às expectativas em relação ao mercado de trabalho, situando-o como algo ainda distante, dependente de sorte e principalmente de outros poderosos para ser alcançado.

Esses jovens precisam encontrar uma motivação intrínseca para se dedicarem aos estudos, que, de acordo com Aronson, Wilson e Akert (2007, p. 98), refere-se “ao desejo de ocupar-se de uma atividade porque gosta dela e a julga interessante, e não por

causa de recompensas e pressões externas”. Assim, estudar como forma de se preparar para o mercado de trabalho poderia ser uma atividade prazerosa para esses jovens e não mais uma obrigação, imposta pela escola ou pelos pais. Quando em estado de “fluxo” o indivíduo centraliza sua atenção na tarefa a ser feita, bloqueando outros estímulos e concentrando-se profundamente, o que não ocorre com os jovens entrevistados em relação à escola.

Na análise da segunda categoria, as respostas que se apresentaram como *locus* de controle interno também estão em forma de discurso. Se esses jovens acham que conseguir uma boa situação de emprego ou um bom rendimento escolar depende deles, então por que não se dedicam mais aos estudos? Na verdade, os jovens apontaram uma série de fatores, relacionados ao *locus* de controle externo, como justificativa para a sua baixa autoeficácia (Tabela 5). Esses fatores são o tempo gasto no computador, principalmente acessando a internet e, nela, as redes sociais.

Para acessar essas oportunidades os jovens precisam ir além do contato virtual e conforme Miquelin (2008) faz-se necessária a indução aos contatos pessoais com outros jovens e adultos, saindo da frente do computador e televisão. Com o contato mais presencial e pessoal feito nos meios de convivência, como escolas, famílias, igreja, clubes, eventos e outros, o jovem poderá desenvolver o relacionamento humano positivo e possíveis habilidades, como liderança e persuasão nas atividades cotidianas. Caso não ocorram tais contatos, a *second life* (vida *online*) tende a substituir a vida real e isso fará com que os jovens se tornem, talvez, excelentes especialistas, mas péssimos integrantes de equipes profissionais.

As características comportamentais dos jovens pesquisados apontam para o comodismo diante daquilo que consideram uma situação que não pode ser contornada, fazendo com que o *locus* de controle externo seja responsável por atribuir causalidade a

fenômenos como o prazer diante da internet e da TV, as obrigações familiares, o tempo dedicado a outras atividades.

Conforme Dela Coleta (1987) o *locus* de controle está relacionado às características dos sujeitos, como o comodismo, sendo que a atribuição de causalidade constitui o processo empregado para justificá-lo e torná-lo aceitável socialmente, em forma de desejabilidade social.

De acordo com Weiner (1995, citado por Rodrigues & Assmar, 2003), as atribuições dos comportamentos referem-se a causas internas e externas e é necessário verificar se essas causas são controláveis ou não. Se as causas apresentadas são controláveis e internas, o autor é responsável por elas. Dessa forma, os jovens não conseguem controlar as causas que os impedem de atingir a vaga de emprego, pois atribuem essas causas a fatores externos e se acham controlados por elas, e assim fracassam por falta de esforço. Se os jovens são os autores dessas causas internas, eles poderiam controlá-las pelo seu próprio esforço, mas a realidade é que não se sentem responsáveis por controlar o alcance da vaga desejada.

A Teoria da Atribuição, segundo Weiner (1995, citado por Rodrigues & Assmar, 2003), pressupõe que o homem é motivado para descobrir as causas dos eventos e entender seu ambiente, presumindo que as relações que se estabelecem, existentes entre o indivíduo e o meio ambiente, influenciam na forma como as pessoas se comportam. Os jovens têm suas ações influenciadas por suas explicações causais e expectativas, gerando em muitos casos sucesso ou fracasso. Os jovens precisam atribuir os seus comportamentos a causas internas e aumentar suas expectativas em relação a busca de novas oportunidades na vida, pois determinadas atribuições afetam as expectativas que influenciam no desempenho. Assim, os jovens, ao sentirem que controlam o ambiente e

atribuem causas internas aos fenômenos, se comportam de forma a ter atitudes que influenciam a terem bons desempenhos futuros, mediante o seu esforço pretendido.

Conforme as atribuições que os jovens fizeram para seus sucessos e fracassos, haverá reflexos na autoestima, autoconceito e expectativas futuras. Isso representa maior persistência nas atividades, evitação ou procura pelas tarefas e forte influência na motivação para realização (Rodrigues & Assmar, 2003).

Devido à predominância do *locus* de controle externo esses jovens são ineficientes na construção de laços sociais que lhes possibilitem alcançar o sucesso desejado, visto que atribuem a construção desses laços ao acaso (sorte ou azar) e à influência de outros poderosos, não realizando um esforço pessoal nesse sentido. Possuem baixo poder de autoeficácia e não se sentem atores de seu próprio destino, ainda que afirmem serem responsáveis pelo seu próprio sucesso (Fernandes & Almeida, 2008).

Bandura (2008, p. 106) afirma que “fortes crenças de autoeficácia promovem as realizações humanas e o bem estar de incontáveis maneiras.” Os indivíduos que possuem um nível elevado de autoeficácia têm maior interesse e absorção nas atividades, pois eles estabelecem objetivos e mantêm um forte compromisso para a sua realização, sentindo-se competentes e confiantes para irem em busca de novas oportunidades e conseguirem o emprego desejado.

A predominância do *locus* de controle interno e autoeficácia elevada também podem representar um problema para o jovem que, com isso, pode ter uma noção exagerada de suas capacidades, expressar suas opiniões com arrogância e falta de tato e não ter paciência para os erros dos outros ou para corrigir os seus próprios erros. É necessário certo equilíbrio entre o *locus* de controle interno e externo, pois avaliações honestas de outros poderosos podem ser relevantes para a construção da autoeficácia e autocontrole.

Na análise da terceira categoria as respostas apresentadas pelos jovens à questão da aprendizagem (Tabela 6) demonstram um conceito formal do que seja esse processo, ou seja, o que se aprende nas instituições de ensino. Para os jovens pesquisados o que aprendem em cursos fora da escola, que também se refere à aprendizagem formal, é o essencial para que possam se preparar para o mercado de trabalho. Em nenhum momento enunciaram um conceito do que seja a aprendizagem como um processo interno de compreender o mundo e construir caminhos que os levem ao sucesso.

Aprendendo apenas conteúdos formais os jovens não se preparam adequadamente para vencer os desafios impostos pelo mercado de trabalho do mundo globalizado, como a habilidade de trabalhar em equipe, habilidades de liderança e de controle de situações extremas. Nesse aspecto, Brum (2011) aponta que se, por um lado, essa juventude se sente preparada porque domina a tecnologia, por outro lado, está despreparada porque despreza o esforço.

Esse esforço é que oferece ao jovem a autoeficácia necessária para chegar ao mercado de trabalho bem preparado e nele obter sucesso. Será o momento da compreensão de que buscaram explicações na desejabilidade social, tentando mostrar algo que ainda não conseguiam fazer, mas que tornava seu aparente esforço aceitável socialmente.

Conforme Brum (2011) são jovens que não aprenderam a ouvir um “não”, têm sempre seus desejos satisfeitos pelos pais, de uma forma ou de outra, possuem habilidades e ferramentas, mas não sabem lidar com a dor e as decepções. São elas que provocam nesses jovens o maior choque de realidade, revelando-lhes o quanto atribuíram aos fatores externos àquilo que deveriam ter construído passo a passo, por meio da aprendizagem.

Os pais são os primeiros educadores que dão aos seus filhos a oportunidade de se desenvolverem pessoalmente, mostrando a eles a importância de criarem laços afetivos positivos e bons relacionamentos interpessoais. As condições mais importantes na passagem do jovem da escola para o mundo do trabalho concentram-se na unidade familiar. Na medida em que o jovem avança na faixa etária tende a reduzir-se o papel da família no processo de transição do sistema escolar para o sistema produtivo (Pochmann, 2007). Para conseguir sucesso nessa transição o jovem precisa apresentar uma boa situação escolar.

Quem prega que notas altas ajudam a construir um bom currículo, mas nada faz para sair da situação limite (média = 5,0), por meio do estudo e do esforço, na verdade acredita que a sorte ou outros poderosos o ajudarão quando realmente quiser ingressar no mercado de trabalho. Está na contramão das pesquisas sobre a participação dos jovens no mercado de trabalho, que, em março de 2011, apontaram uma saída significativa do trabalho para cursar a escola, nas seis maiores regiões metropolitanas do Brasil. Esses jovens que retornam à escola certamente não querem ficar apenas no nível da média cinco (5,0), por já terem experimentado como funciona o mercado de trabalho (Fundação Getúlio Vargas, 2012).

As pesquisas da Fundação Getúlio Vargas (FGV) apontam uma queda de 0,5% na participação dos jovens no mercado de trabalho e um aumento de matrículas, tanto no Ensino Médio, quanto no Ensino Superior, entre 2011 e 2012. Contudo, ainda é grande o índice de jovens que buscam conciliar o curso superior com um estágio remunerado, aproveitando a oportunidade para colocar os conhecimentos acadêmicos em prática, uma situação em que não podem apresentar notas baixas (Fundação Getúlio Vargas, 2012).

Oferecer aos jovens uma visão mais realista sobre as suas limitações poderia ser um importante papel da escola, tanto no Ensino Médio, quanto no Ensino Superior, mostrando a eles que o mercado de trabalho está cheio de oportunidades, a espera de pessoas que tenham um alto nível de autoeficácia e elementos de *locus* de controle interno.

Ao sentirem que conseguem controlar o ambiente, com atribuição de causas internas aos fenômenos, os jovens terão sucesso em seus resultados. Dessa forma, devem buscar mecanismos que os qualifiquem para as exigências do mercado de trabalho e para isso é necessário autonomia e autocontrole para a sua inserção, pois a situação de comodismo, a falta de esforço e o conformismo com a situação em que se encontram, é um dos problemas que impede que os jovens alcancem as vagas no mercado de trabalho, pois o mercado é dinâmico, apresenta transformações constantes, e acompanhar as mudanças exige controle interno, comprometimento, motivação e autoeficácia elevada.

Melhorar suas atitudes é o desafio que se instala para os jovens pesquisados. Colocando as explicações para as suas dificuldades em ingressar no mercado de trabalho no campo da sorte ou azar e na ação de outros poderosos os jovens se eximem de enfrentar suas limitações quanto à autoeficácia e ao autocontrole. Somente quando conseguirem atribuir essas limitações a causas internas é que poderão transformar seu desempenho em grandes resultados.

De acordo com Flori (2003), os primeiros empregos existem em grandes quantidades, mas os jovens não ficam neles por muito tempo, entrando no desemprego e alegando que o mercado exigiu demais deles. Contudo, falta-lhes o autocontrole, a autoeficácia e habilidades humanas para aprenderem a lidar com as adversidades das

organizações e permanecerem no emprego. Aprender a lidar consigo mesmos é o maior desafio dos jovens que procuram seu primeiro emprego.

Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi atingido, em termos gerais e específicos. Ao analisar a percepção dos jovens sobre o mercado de trabalho e quais são as barreiras por eles percebidas, verificou-se que estão associando as barreiras que os impedem de conseguir uma vaga de trabalho ao *locus* de controle externo. Constatou-se também o que os jovens dizem ser necessário para conquistar o mercado de trabalho e o que buscam fazer para atingirem os seus objetivos, indo em busca de novas aprendizagens, pois cabe a eles se esforçarem para superar as atuais condições que se impõem sobre as perspectivas de inserção no mercado de trabalho.

Em termos acadêmicos, o desenvolvimento deste trabalho trouxe contribuições no que diz respeito ao *locus* de controle interno e externo e ao conceito de autoeficácia. Ao analisar o conceito de *locus* de controle percebeu-se que as forças externas do ambiente da juventude pesquisada estão controlando os resultados de suas buscas.

Foi percebida uma limitação teórica quanto à evidência da “desejabilidade social”, fazendo com que fosse necessário acessar um referencial sobre esse assunto, para que o segundo estudo pudesse ser conduzido de forma mais eficiente. Os jovens também precisavam apreender esse conceito, como forma de compreenderem que o seu discurso era uma distorção do relato e que precisavam oferecer novas respostas ao questionamento apresentado pela pesquisadora.

Também houve uma limitação prática no que se refere ao projeto original de entrevistar psicólogos da área de recrutamento e seleção de pessoas. O objetivo era descrever como esses profissionais percebem as iniciativas dos jovens em relação à inserção no mercado de trabalho, pelos aspectos do *locus* de controle e da autoeficácia.

Somente um profissional respondeu ao convite da pesquisadora para participar do estudo, o que inviabilizou a sua realização.

Por fim, sugere-se que novos estudos sejam realizados, abrangendo mais escolas, públicas e particulares, no que se refere à população jovem, para que se possam comparar os resultados encontrados neste estudo com o resultado de novos questionários aplicados em outras escolas e verificar como os novos participantes percebem a inserção no mercado de trabalho. Sugere-se também que sejam elaboradas, no final desses estudos, estratégias de intervenção a fim de que se trabalhe com a mudança de percepção dos jovens em relação à sua autoeficácia, onde o primeiro passo é fazer com que acreditem em si e que possam se interessar mais pela melhoria de sua formação acadêmica e profissional.

Recomenda-se, finalmente, que por meio do acompanhamento das necessidades do mercado de trabalho, realize-se com os jovens um planejamento de suas atividades, para que se conduzam de melhor forma, ao alcance de uma boa oportunidade de trabalho.

Referências

- Abbad, G. & Meneses, P. P. M. (2004). *Lócus de controle*: validação de uma escala em situação de treinamento. *Estudos de Psicologia* 9(3), 441-450.
- Anderson, C.; Krull, D. S. & Weiner, B. (1996). Explanations: processes and consequences. In: Higgins, E. T. & Kruglanski, A. W. (1996). *Social psychology*: handbook of basic principles. New York: Guilford Press.
- Aronson, E., Wilson, T. D. & Akert, R. M. (2007). Psicologia social e saúde. In: *Psicologia social*. Rio de Janeiro, LTC.
- Bandura, A. Org. (2008). *Teoria social cognitiva*: conceitos básicos. Porto Alegre: Artmed.
- Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Brasil (2010). MPOG. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira/2010. *Estudos e pesquisas, informação demográfica e socioeconômica*, n. 27. Rio de Janeiro: IBGE.
- Brum, E. (2011). Meu filho, você não merece nada! *Rev. Época*, 11 jul. Retirado no dia 05/10/2012 do site <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,EMI247981-15230,00.html>.
- Carvalho, J. A. S. (2004). *Alguns aspectos da inserção de jovens no mercado de trabalho no Brasil*. Retirado no dia 01/06/2012 do site <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/146.pdf>.

- Corrochano, M. C. (2005). *Jovens olhares sobre o trabalho*. Anped, GT9 – Trabalho e Educação, Caxambu, 16 a 19 de outubro. Retirado no dia 15/10/2012 do site <http://www.anped.org.br/reunioes/25/mariacarlacorrochanot09.rtf>.
- Corrochano, M. C. & cols. (2008). *Jovens e trabalho no Brasil: desigualdades e desafios para as políticas públicas*. São Paulo: Ação Educativa/Instituto ibi.
- Dela Coleta, M. F. (1987). Escala multidimensional de *locus* de controle de Levenson. *Arquivo Brasileiro de Psicologia*, 39(2), 79-97.
- Fernandes, S. C. S. & Almeida, S. S. M. (2008). Estudo Correlacional entre *Locus* de Controle e Valores Humanos. *Interação em Psicologia*, 12(2), 215-222.
- Fundação Getúlio Vargas (2012). Jovens brasileiros param de procurar emprego para estudar mais. *GI*, 14 maio. Retirado em 26/09/2012 do site <http://www.info4.com.br/gomateria.asp?cod=622725&nome=1432&cliente=1432>.
- Flori, P. M. (2003). *Desemprego de jovens: um estudo sobre a dinâmica do mercado de trabalho juvenil brasileiro*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP.
- Gimenez, D. M. (2007). *Políticas de Inserção dos jovens no mercado de trabalho: uma reflexão sobre as políticas públicas e a experiência brasileira recente*. Retirado no dia 01/06/2012 do site http://prejal.oit.org.pe/prejal/docs/bib/200711170002_4_2_0.pdf.
- Gouveia, V. V. & cols.(2009). *Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne: evidências de sua validade fatorial e consistência interna*. *Aval. psicol.*, 8(1). Retirado no dia 7/10/2012 do site http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712009000100008.

- Miquelin, J. R. M. (2008). *Capacitando o jovem para o mercado de trabalho*. São Paulo: Texto Novo.
- Noriega, J. A. V. & cols. (2003). *Lócus de controle em uma população do nordeste brasileiro*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19 (3), 211-220.
- Pasquali, L., Alves, A. R. & Pereira, M. A. M. (1998). Escala de *lócus* de controle ELCO/TELEBRÁS. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 363-378. Retirado no dia 19/04/2012 do site http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200013.
- Pochmann, M. (2007). *A batalha pelo primeiro emprego: a situação atual e as perspectivas do jovem no mercado de trabalho brasileiro*. (2. ed.). São Paulo: Publisher Brasil.
- Pontes, A. C. F. *Ensino da correlação de postos no ensino médio*. Sinape, Unicamp, 2010. Retirado no dia 12/11/2012 do site <http://www.ime.unicamp.br/sinape/sites/default/files/EnsinoCorrelacaoDePostos.pdf>.
- Ribeiro, C. (2000). *Em torno do conceito de lócus de controle*. *Máthesis* (9). Retirado no dia 19/04/2012 do site http://www4.crb.ucp.pt/Biblioteca/Mathesis/Mat9/mathesis9_297.pdf.
- Rodrigues, A. & Assmar, E. M. L. (2003). Influência social, atribuição de causalidade e julgamentos de responsabilidade e justiça. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 191-201. Retirado em 27/11/12 do site <http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n1/16811.pdf>.
- Robbins, S. (2004). *Fundamentos do comportamento organizacional*. Trad. Reynaldo Marcondes. São Paulo: Prentice Hall.

Tamayo, A. (1988). Validade fatorial da Escala Levenson de lócus de controle. *Psic.: Teoria e Pesquisa*, Brasília, 5(1),112-122.

Apêndices

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

- Este documento que você está lendo é chamado de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ele contém explicações sobre o estudo que você está sendo convidado a participar.
- Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico deste estudo é analisar a percepção dos jovens sobre a sua inserção no mercado de trabalho e as barreiras que são por eles percebidas.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelo pesquisador e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (fitas, entrevistas, questionário, etc.), ficará guardado sob a responsabilidade do pesquisador com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade e serão excluídos após a pesquisa.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Eu, _____ RG _____,

após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Brasília, ____ de _____ de _____

Participante

Pesquisador(a) responsável

Apêndice B - Transcrição do Estudo Piloto

Quais são as principais barreiras que impedem os jovens a começarem a trabalhar?

Entrevista 1 – A principal barreira é a questão da idade, para poder estagiar só pode começar com 16 anos então a primeira barreira enfrentada no começo da juventude é esperar completar 16 anos.

Entrevista 2 – O mercado de trabalho em geral exige experiência e conhecimento, eu estudo ensino médio e quem é estudante de ensino médio não está pronto para assumir uma profissão pois o mercado exige certas habilidades que para serem desenvolvidas requerem uma base para ingressar no mercado de trabalho competitivo que exige experiência, e como vou conseguir se ninguém abre as portas para me dar uma oportunidade. O mais importante é ter conhecimento básico em informática e digitação, demonstrar comprometimento e ter boa comunicação e em alguns casos residir perto do local de trabalho.

Entrevista 3 – Já terminei o ensino médio e quero ingressar na faculdade porque acho que só consegue emprego quem tem faculdade, mas não tenho condições financeiras para pagar faculdade, procuro emprego enviando currículos e nunca tive respostas. Eu acho que meu currículo é pobre e não tenho condições para pagar cursos profissionalizantes, os cursos gratuitos são poucos, eu moro longe e acho que nunca me chama pra entrevistas pela localidade de onde moro.

Entrevista 4 – Para conseguir emprego na minha área de informação exige o diploma e eu ainda não coleí grau, falta minha monografia, já tentei três lugares passei por entrevista e não fui chamado. Um lugar só deu resposta e disse que eu não passei no psicotécnico e na redação eu tenho ciência que eu tenho insegurança mas mercado de trabalho não deveria levar em consideração aspectos psicotécnicos por que isso não quer dizer nada para exercer o cargo deveria ter era testes práticos.

Entrevista 5- Primeiro que pra trabalhar hoje em dia, estão exigindo experiência, e a maioria dos jovens não tem, e segundo é a oportunidade, acho que se derem mais oportunidade para que os jovens possam trabalhar sem experiência seria mais fácil, e

também o mercado de trabalho exige que os jovens tenham qualificações a mais, ou seja, cursos extras, saber falar e escrever em outras línguas, e etc.

Entrevista 6 - Por não ter experiência, muitas vezes o mercado de trabalho não aceita jovens inexperiente. Ou por Comodismo, por optarem em concluir os estudos primeiro.

Entrevista 7 - Falta de oportunidade gerada com a falta competência por parte da maioria dos jovens no dia de hoje. Cada dia que se passa o mercado esta ficando mais competitivo e pede mais conhecimento, e muito dos jovens não buscam esse conhecimento para poder entrar no mercado de trabalho.

Entrevista 8 - No meu caso, a única barreira é meu pai que diz que eu só vou começar a trabalhar depois que me formar e for necessário pra mim, e que enquanto ele tem condições eu vou dedicar meu tempo somente para os estudos eu tenho vontade de ser independente de poder sair sem ter que pedir dinheiro pra ele

Entrevista 9 - Acho que as barreiras são primeiro a falta de capacitação, causada pela má educação de base.. e segundo o mercado de trabalho super“enchado”, o que causa um afunilamento nas opções do que trabalhar, e o que eu tenho feito pra mudar é me capacitando da melhor forma possível, pra poder concorrer com aqueles que também estão.

Entrevista 10 - Devemos correr mais atrás, ao invés de esperar que tudo possa chegar fácil até você, onde tiver oportunidade de entregar currículos em qualquer lugar, não perder tempo.

Apêndice C - Questionário sobre *locus de controle*

Idade _____

Sexo _____

Média na escola _____

Leia cada afirmação cuidadosamente e indique o grau em que você concorda com ela ou discorda, marcando no espaço correspondente às seguintes opções:

Questão	Discordo totalmente	Discordo em parte	Estou em dúvida	Concordo em parte	Concordo plenamente
•Se eu vou ou não tornar-me um líder depende principalmente da minha capacidade					
•Minha vida é, em grande parte, determinada por acontecimentos inesperados					
•Sinto que o que ocorre em minha vida é determinado principalmente por pessoas mais poderosas do que eu					
•Quando faço planos sempre tenho certeza de que vou realizá-los					
•Geralmente não tenho oportunidade de proteger meus interesses pessoais					
•Quando eu consigo o que quero, frequentemente, é por que tenho sorte					
•Embora eu tenha muita capacidade, só conseguirei ter uma posição importante se pedir ajuda a pessoas de prestígio					
•A quantidade de amigos que tenho, depende de quão agradável eu sou					
•Verifico, frequentemente, o que está para acontecer fatalmente acontecerá					
•Minha vida é controlada principalmente por pessoas poderosas					
•As pessoas como eu têm pouca chance de proteger seus interesses pessoais quando estes entram em choque com os interesses de pessoas poderosas					
•Nem sempre é desejável para mim fazer planos com muita antecedência, por que muitas coisas acontecem por uma questão de má					

ou boa sorte					
•Para conseguir o que desejo, necessito de ajuda de pessoas superiores a mim					
•Se eu vou ou não tornar um líder, depende principalmente de eu ter sorte suficiente para estar no lugar certo, na hora certa					
•Se as pessoas importantes decidirem que não gostam de mim provavelmente eu não conseguirei ter muitos amigos					
•Eu posso, quase sempre, determinar o que vai acontecer em minha vida					
•Frequentemente eu sou capaz de proteger meus interesses pessoais					
•Quando eu consigo o que quero, frequentemente, é por que eu me esforcei muito					
•Para que meus planos se realizem, devo fazer com que eles se ajustem aos desejos das pessoas mais poderosas do que eu					
•Minha vida é determinada por minhas próprias ações					
•O fato de eu ter poucos ou muitos amigos deve-se, principalmente, à influência do destino					
•Para conseguir um bom emprego depende principalmente de pessoas superiores a mim					
•O surgimento de novas oportunidades na vida depende de mim					

Apêndice D - Roteiro de entrevistas

Roteiro da primeira entrevista

Cada item que vocês responderam, estão relacionados a três fatores: azar, outros poderosos, internalidade. Até o item 21 a média maior verificada foi 4, que está relacionada ao fator internalidade. Ao fazer a análise, dos dois últimos itens acrescentados no questionário, que se identificavam em maior parte com o objetivo do estudo, não conseguimos ter resultados correlacionais com os outros 21 itens deste questionário. Gostaria de conversar com vocês a respeito disto.

Por que houve esta discrepância nos resultados. Vejam os itens em que vocês concordavam ou discordavam: Para conseguir um bom emprego depende principalmente de pessoas superiores a mim;O surgimento de novas oportunidades na vida depende de mim;

Se não depende de vocês, não depende de outros poderosos e não depende do azar, depende de quem ou do que?

Como vocês conseguem me explicar este resultado?

Roteiro da segunda entrevista

Qual é a sua média na escola? Quantas horas você estuda por dia?

O que você está fazendo para conseguir alcançar um bom emprego e oportunidades novas na vida, já que isso depende de você?

O que acontece na sua rotina que impede você de fazer aquele discurso que me disse anteriormente tornar realidade?

Então, significa que você não está fazendo?

E por que não?

O que faria com que isso fosse efetivamente a sua realidade?

Apêndice E - Transcrição 1

Cada item que vocês responderam, estão relacionados a três fatores: azar, outros poderosos e internalidade. Até o item 21 a média maior verificada foi 4, que está relacionada ao fator internalidade. Ao fazer a análise dos dois últimos itens, acrescentados no questionário, que se identificavam em maior parte com o objetivo do estudo, não conseguimos ter resultados correlacionais com os outros 21 itens desta escala. Gostaria de conversar com vocês a respeito disto. Por que houve esta discrepância nos resultados? Se não depende de vocês, não depende de outros poderosos e não depende do azar, depende de quem ou do que? Como vocês conseguem me explicar este resultado?

R1: Para conseguir um bom emprego depende principalmente é da gente né. Acho que para conseguir um bom emprego, depende de mim mesmo, se não tiver alguém conhecido que possa me ajudar, depende da pessoa para ir atrás.

R2: Acho que depende do profissional que a pessoa quer se tornar depende daquilo que ela tem interesse de ser, quem forma o mercado de trabalho é agente e depende daquilo que eu vou conseguir demonstrar que sou capaz, se eu vou ser bom ou ruim no que faço depende da minha ação, então depende de mim, para conseguir um alcançar um emprego.

Vocês concordaram ou discordaram que depende de vocês para conseguir um bom emprego?

R1 e R2: concordamos.

R2: A gente que se esforça e se forma para ir atrás do emprego, para alcançar o emprego depende do esforço e dedicação do estudo, depende também do campo de atuação que ira escolher, por que se eu não me dedicar bem aos meus estudos não conseguirei ter uma boa formação, e saindo do meu ensino médio com uma bagagem de conhecimentos, posso conseguir uma boa oportunidade de emprego, pois já terei um

conhecimento mínimo de informações para darem um ponto de partida no que vou conseguir.

R1: Eu concordo com ele, quando vai procurar o emprego, depende da pessoa de quanto ira se esforçar e correr atrás . Por exemplo, quem faz direito, é um curso de mérito, ai vai que não consegue passar na ordem, foi por que não se esforçou para isto,e não basta apenas ter o estudo, tem que se esforçar para conseguir o que deseja.

R3: É a pessoa que faz surgir novas oportunidades, se a pessoa quer um bom emprego não adianta nada ficar em casa esperando ele aparecer, tem que correr atrás por que a oportunidade é ela que faz, tem muitos alunos que vem de longe da área rural estudar aqui na cidade é uma oportunidade que ele tem de estudar e ela pegou. Muitas vezes as pessoas acabam sendo indicadas e o tal do QI, ela teve sorte e arrumou fácil o emprego né, não lutou para isso, mas quando não se tem essa “sorte”, depende da motivação e coragem da pessoa, depende de quanto vou me esforçar. Se eu me esforçar bastante, outra pessoa acabará vendo e ira me chamar e vou conseguir atingir meu objetivo que é um bom emprego.

R4: Depende de mim e do meu esforço, tanto conseguir novas oportunidades na vida quanto um bom emprego, mas para isso eu tenho que me dedicar ao máximo, as horas que tenho de estudo. Eu já fiz informática e essa escolha partiu de mim. Hoje faço espanhol, por conta própria são conteúdos básicos mas necessários para gente conseguir alcançar um bom emprego né. Eu quero muuuuuuuuuuito fazer medicina, mas eu já vejo outras áreas como alternativas por que é muito puxado e concorrido em qualquer universidade e minha mãe não tem condições para pagar particular tenho que concorrer a nível federal mesmo, então alcançar esta oportunidade na vida depende de mim, e do quanto eu estou me esforçando, para isso estudo duas horas por dia.

Você então precisa estudar muito para concorrer a nível federal. Você estuda mesmo duas horas por dia? Acha que deveria estudar mais? Se sim o que te impede?

R4: É estudo sim, não todo dia da semana sabe, por que o que me impede são as obrigações que tenho em casa, minha mãe não aguenta fazer o serviço dentro de casa, ela está doente, eu sou filha mais velha, tenho que fazer as tarefas de casa todo dia e

acompanhar ela ao medico. Realmente eu me esforço muito, mas não consigo estudar mais que duas horas, além das obrigações de casa eu tenho três vezes na semana espanhol, tenho academia, mas a gente sabe que não aproveita 100% do nosso tempo, tem outros prazeres.

R5: Depende de mim conseguir oportunidades novas na vida. Agora conseguir um bom emprego depende dos meios que vou alcançando, né, como a qualificação, depende da qualidade e nível que aumento meus conhecimentos, que me são dados aqui na escola.

R6: ah não sei, assim ah depende da situação por que olha, para você conseguir um bom emprego, tem a questão da indicação, de alguém que te indique, mas s sua qualificação, o curso superior que você tem, os projetos que você realiza os cursos que você faz, conta tambem como fatores que depende de você, então eu acho que depende dos dois de mim e de outra pessoa. Mas me posicionando melhor a minha qualificação é mais valiosa do que a indicação de alguém , por que eu acredito que eu estudando, conseguindo uma boa faculdade, passando num vestibular bom conta mais.

O que você tem feito então para se qualificar, já que conta mais na sua posição do que uma indicação?

R6: Meu foco hoje é passar na UNB, então faço curso preparatório para vestibular desde o primeiro ano, e aula de reforço fiz no ensino fundamental. O que eu busco para me qualificar é passar na universidade federal, para mim é essencial passar na UNB. Eu estudo na escola, faço o cursinho três vezes na semana e aos sábados, e fora isso, faço inglês.

Apêndice F - Transcrição 2

Hoje eu quero saber o que vocês estão fazendo para que tudo aquilo o que me falaram da última vez aconteça de verdade. Primeiro, quero saber a média na escola, a média que vocês responderam no questionário.

R1: 7

R2: 5,5

Quantas horas vocês estudam por dia?

R1: 3h fora a escola, me programo geralmente para três horas umas duas vezes na semana.

R2: 1h, mas não é todo dia também não.

O que acontece na rotina de vocês que não estão fazendo aquilo que me responderam na última vez que estive aqui?

R1: Os meios mesmo, que impedem todos os jovens de estudar nas horas livres, internet, jogos, computador, televisão. É legal e prazeroso, mas tenho consciência que atrapalha. A gente deixa esses meios atrapalhar nossa rotina.

R2: É, concordo com ele, o acesso à internet é o que despeça nossa dedicação aos estudos. E acaba que nos deixamos influenciar por este prazer?

E por que vocês deixam isso acontecer, desses meios estarem atrapalhando vocês?

R2: Por que é mais prazeroso fazer isso, do que estudar, né.

R1: é verdade (risos).

Você concorda com ela R1?

Sim é verdade, a gente sabe o que é o certo, mas tipo assim isso é mais legal, horas na internet às vezes é melhor do que ta estudando, mas a gente sabe que não é bom.

Significa então que não estão fazendo o esforço e dedicação como falaram da primeira vez, não é mesmo?

R1: Ah, é...

R2: É. não é todo dia que a gente senta para estudar e aperfeiçoar o conhecimento. Eu faço os trabalhos quando os professores me passam, e estudo para as provas. Mas às vezes tento estudar pelo menos uma hora, umas duas vezes na semana.

Vocês faz mesmo isso?

R2: Sim, as vezes.

Como vocês falaram que depende de vocês para alcançarem novas oportunidades na vida e irem à busca de um bom emprego, citaram que precisam se qualificar, dedicar, aperfeiçoar os estudos, tudo aquilo que me responderam, então vamos lá, em termos práticos, o que vocês estão fazendo para que todo este discurso aconteça, já que falaram que depende de vocês?

R1: O que eu já fiz e estou hoje fazendo é o CILB – inglês, já fiz um curso de informática básica e atualmente estou fazendo cursinho pré-vestibular à noite. Quero passar na UNB. Então faço curso preparatório desde o 1º ano. E o básico também faço, inglês e informática já é um diferencial né? Meu objetivo é fazer a faculdade e trabalhar, quero concluir o ensino médio, com o básico que já tenho, mas para conseguir uma estabilidade melhor de um bom emprego eu preciso do ensino superior, e pelas condições financeiras da minha família, preciso passar na UNB.

Ação, vamos falar em ação. O que impede você de ir atrás e aperfeiçoar melhor todo o seu conhecimento e capacidade, para desde já conseguir um bom emprego, sem precisar de imediato fazer uma faculdade?

R1: acho que é a condição financeira, por que tipo assim, por exemplo, os melhores cursos que te preparam com qualidade diferenciada, tem um alto nível de exigência, são pagos e não são baratos, e quem realiza cursos de alto nível tem um currículo melhor do que quem só faz o básico, que é o que a minha condição financeira permite. Outra coisa ate mesmo a família atrapalha um pouco sabia, por que eu falo que quero fazer uma coisa aí eles vem e dizem que isso não é bom, que tenho que fazer, mais coisas, ai não faço por causa dos outros. Eu escolho um curso ai a família fala, isso não é bom não vai te dar retorno, ai escuto eles e faço o que eles impõem, por que financeiramente dependo deles. Não passo ainda fazer tudo o que quero. Eu quero, por exemplo, quero fazer arquivologia, e mesmo que as pessoas falem que não é uma coisa boa, é o que eu quero fazer, acho que se você fizer algo que não queira não será um bom profissional, e em termo concreto é estudar, qualificar profissionalmente, é isso como falei no começo não esperar as coisas caírem para gente, e eu faço com que isso aconteça estudando e fazendo meus cursos de pré-vestibular e o cilb.

Então o que você faria para que essa situação mudasse e fosse efetivamente verdade, tudo aquilo que depende de você?

R1: Primeiro tentaria ser independente, preciso trabalhar conseguir um emprego e arcar com as minhas despesas e assim me qualificar e investir o dinheiro que eu ganhasse em mim. Sou dependente dos meus pais financeiramente, então ainda não posso me qualificar em cursos melhores. Faço só o básico, que já é o diferencial para quem não faz nada, e depois que conseguir um emprego mesmo que não seja efetivamente bom, posso ser livre financeiro, mas primeiro eu estou dedicando ao pré-vestibular, e da força de vontade, fazer aquilo o quer, e não esperar que as coisas caem do céu, mesmo não me dedicando totalmente, eu procuro me esforçar.

E você R2:

R2: Eu também faço o cilb, concluí um curso técnico de raciocínio lógico e fiz pré- pás.
Como falei para ele em termos práticos, o que você está fazendo para que todo aquele discurso aconteça, já que falaram que depende de você?

R2: Eu quero terminar o ensino médio, procurar um emprego e fazer faculdade, mas não me esforço igual ele para fazer UNB.

Ação, o que você está fazendo para então conseguir o emprego?

R2: Assim eu tento me esforçar, estudando e concluir o ensino médio bem, mas não me dedico tanto como deveria.

O que impede você de ir atrás e aperfeiçoar melhor todo o seu conhecimento e capacidade, para desde já conseguir um bom emprego, sem precisar de imediato fazer uma faculdade?

R2: Não depende diretamente de mim, depende dos meus pais concordarem com os cursos que quero fazer.

Então significa que você não está se esforçando como disse que precisa se esforçar e dedicar mais aos estudos, para conseguir um bom emprego?

R2: É, concordo, a gente fica sim, um pouco acomodado, e não luta para isso acontecer. (risos).

E por que não agir, o que faria com que esse discurso que me falou da primeira vez fosse efetivamente a verdade, realidade na sua vida, que depende de você para se esforçar, dedicar, lutar, não ficar em casa à toa, aproveitar o tempo livre?

R2: a força de vontade, se vou ou não me deixar influenciar pelos prazeres do dia a dia e dedicar mais aos estudos. Mas eu não dedico tanto como deveria.

Outros jovens

Hoje eu quero saber o que vocês estão fazendo para que tudo aquilo o que me falaram da última vez aconteça de verdade. Primeiro quero saber a média na escola, a média que vocês responderam no questionário.

R3: 4h na semana, mas não é todo dia não, mas quando da busca estudar pelo menos 2h.a cada dois dias. Média 6 na escola.

O que acontece na rotina que não est fazendo aquilo que me responderam na última vez que estive aqui? O que você precisa fazer para que tudo aquilo se torne verdade?

R3: Preparo sempre, para quando a oportunidade vier agarrar ela com tudo.

O que é esse preparo para você?

R3: Seria definir passo a passo e organizar-se, para proporcionar a você o melhor, então é definir mesmo o que você vai fazer, definir suas horas de estudo definir os cursos que vão te fazer alcançar depois um bom trabalho, se adaptar ao meio que você está via cursos, via escola, delimitar bem horas de estudos algo do tipo.

E você faz realmente tudo isso que está me falando? Se eu for na sua casa em um dia que você não esteja no curso, será que você vai estar estudando 4h corridas?

R3: É, faço em partes (risos), mas assim eu me organizo, sabe, para não desperdiçar meu tempo. Eu quero fazer faculdade de sociologia, mas na vida a gente tem que ter o plano B, se não conseguir sociologia, vou estudar para concurso público. E tenho a área da musica também, que quero me dedicar. E da automobilística, eu tenho experiência, então assim eu já estou fazendo algo concreto nesse sentido porque trabalhei em oficinas e caso não dê para fazer a faculdade agora eu já pretendo sair do ensino médio e procurar emprego nessa área, pois já consigo entender a área né.

Existe algum meio que impede, atrapalha você de se dedicar mais?

R3: Eu diria que na vida do jovem existem vários meios, olha tem o computador, TV, influência de amigos, no meu caso tenho o violão, às vezes eu estudando eu me distraio e para relaxar um pouco aí eu começo a tocar um pouco e “tals”.

Isso acontece na sua rotina?

R3: Isso acontece na rotina de qualquer um, mas aí existem as pessoas mais concentradas e querem manter um foco e realmente não deixam que essas coisas atrapalhem. Eu estou estudando “prá caramba”, estou me dedicando ao máximo e vejo isso para a melhoria do meu futuro.

Como vocês falaram que depende de vocês para alcançarem novas oportunidades na vida e irem à busca de um bom emprego, citaram que precisam se qualificar, dedicar aperfeiçoar os estudos, tudo aquilo que me responderam, então vamos lá, em termos práticos, o que vocês estão fazendo para que todo este discurso aconteça, já que falaram que depende de vocês?

R3: Assim, na minha experiência, acho que basta apenas um passo, você está determinado a fazer. Eu tenho toda aquela preocupação com o futuro. Então o primeiro ponto é determinação, se você está determinado e quer fazer com que tudo aquilo acontece, faço três perguntas: será que eu consigo fazer, será que eu posso fazer e será que eu devo fazer, se eu responder essas perguntas já dou um passo, estou fazendo acontecer, é por etapas. Primeiro determinação e aí consigo ajeitar a minha vontade.

Hoje eu quero saber o que vocês estão fazendo para que tudo aquilo o que me falaram da última vez aconteça de verdade. Primeiro quero saber a média na escola, a média que vocês responderam no questionário.

R4: 17 anos. Média 6 na escola. Estudo 2h por dia.

Como vocês falaram que depende de vocês para alcançarem novas oportunidades na vida e irem à busca de um bom emprego, citaram que precisam se qualificar, dedicar aperfeiçoar os estudos, tudo aquilo que me responderam, então vamos lá, em termos práticos, o que vocês estão fazendo para que todo este discurso aconteça, já que falaram que depende de vocês?

R4: agora eu não faço muita coisa eu sei, a gente perde tempo mesmo, principalmente no computador, por que eu entro na net para fazer trabalho, e não faço por que despeço em outras coisas, e um pouco acomodada no sentido de procurar melhorar meu português, por que tudo exige redação, então pequenos detalhes, né, precisamos

aprender aproveitar o tempo, e não estamos praticando. Esforçar mais, eu com o curso que quero fazer, sei que me esforço pouco, comparando com quem estuda mesmo o dia e a noite toda.

E para você o que te impede na sua rotina de tentar melhorar seus estudos?

R4: As obrigações mesmo que tenho em casa, minha mãe não aguenta fazer o serviço dentro de casa, ela está doente, eu sou filha mais velha, tenho que fazer as tarefas de casa todo dia e acompanhar ela ao médico.

R5: 18 anos. Média 6 na escola. Não tenho horas de estudo por dia, estudo quando preciso.

R5: Eu dedico meu tempo livre fora da escola exclusivo para um curso técnico de informática que faço, não tenho o hábito de ficar estudando, estudando, estudando, para escola não, mas sei que faz a diferença também, né, sair daqui com meu boletim de notas altas. É área que vou seguir então desse curso técnico já vou para um avançado. Eu faço também o CILB- inglês. Coisas básicas para meu currículo tenho. Terminando o ensino médio vou fazer sistema de informação.

E para você o que te impede na sua rotina de tentar melhorar seus estudos?

R5: Ah, não sei, posso dizer que faço o que me interessa, né, então o que quero fazer nada me impede de fazer, não me acomodo. Eu procuro organizar meu tempo. Mas me deixo a desejar com o conhecimento da escola, não procuro me habituar a estudar mais. Precisamos buscar mais a informação aí...

R6: 17 anos. Média 6 na escola. Estudo todo o tempo livre.

R6: Estudo bastante corro atrás, cursinho, pré-pás, o pré-vestibular, conheci uma bolsa, que quem tira nota boa na prova dá desconto para o pais pagarem. Então eu me esforço a manter meus estudos, pois meu pai quer que a gente trabalhe, mas quero garantir um curso superior, abre mais as portas de emprego, e ele falou para gente trabalhar e pagar a faculdade ai eu ganhei a bolsa do cursinho, eu vou passar na UNB. Eu nasci em

família pobre, mas se eu tenho conhecimento e aprendizagem consigo alcançar um bom trabalho.

Que curso você quer fazer?

R6: Olha, eu to muito na dúvida... aqui na escola não temos orientação vocacional, eu penso em arquivologia, ou farmácia porque gosto de biologia e química, e arquivologia porque penso em concurso.

Para conseguir um bom emprego o que é preciso você fazer?

R6: Eu por enquanto não pretendo trabalhar, quero passar no vestibular para entrar na faculdade, quero um curso que me proporcione um estágio para eu ter condições, passar na federal mas para me sustentar por enquanto preciso de um estágio, meus pais não vão me bancar a vida inteira, eu tenho que me virar, meus pais já me cobram no terceiro ano “você ainda não trabalha”, mas para mim o essencial é ter nível superior, pois os meios de sobreviver são maiores, né, então estágio vai me proporcionar experiências para ter depois um emprego melhor do que nível médio.

E para você o que te impede na sua rotina de tentar melhorar seus estudos para conseguir a UNB?

R6: Ai, nossa, tem coisas que agente acaba indo por pressão, eu não sou muito de sair, mas meus amigos ficam “nossa pára um pouco vamos sair pra festas, conhecer meninas novas, vai arrumar uma namorada, vai se divertir”, ai acabo sendo pressionado por eles. Tem também coisas da casa que acaba atrapalhando quando a gente fica de boqueira, assisto muito televisão tem as redes sociais que hoje influenciam muito as horas das pessoas.